

IMPLICAÇÕES DO AFETO NA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EXITOSAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**Aline Mara Ferreira Fontenele**

Psicóloga.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8852-3778>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3713033490846177>E-mail: alinemaraff@hotmail.com**Rafaella Coêlho Sá**

Psicóloga. Professora da Universidade Estadual do Piauí

Doutoranda em Educação. Universidade Federal do Piauí

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3325-0570>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2161972185078140>E-mail: <mailto:rafaella.sa.psi@hotmail.com>**RESUMO**

Todo relacionamento se baseia no afeto e nos momentos de aprendizagem, a afetividade vem como compromisso do educador em atentar ao seu aluno e adotar práticas pedagógicas resultantes em um aprendizado exitoso. Para autores como Piaget, Wallon, Vygotsky e Espinoza, sem afeto não há interesse, necessidade e motivação. O objetivo do estudo é compreender a correlação entre práticas pedagógicas exitosas e afetividade no processo ensino-aprendizagem infantil. Caracteriza-se como uma revisão integrativa de literatura, por meio de uma análise de conteúdo dividida em 3 tópicos: a importância da afetividade na aprendizagem infantil, existência da afetividade nas práticas pedagógicas da Educação Infantil, sua expressão nas práticas pedagógicas dos profissionais e como a Psicologia pode contribuir nesse êxito. A partir disto, concluiu-se que a afetividade contribui de forma significativa no processo de ensino e aprendizagem, embora seja necessário que os profissionais da educação infantil ampliem seus conhecimentos e práticas sobre o tema, sendo essencial a presença da psicologia em todos os processos para mediar as relações existentes na escola e outras diversas vertentes em que pode contribuir com foco em especial no tema da afetividade.

Palavras-chave: afeto, relação professor-aluno, práticas pedagógicas.

IMPLICATIONS OF AFFECTION IN THE CONSTRUCTION OF SUCCESSFUL PEDAGOGICAL PRACTICES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT

Every relationship is based on affectivity and at school, affectivity comes as a commitment from the teacher to pay attention to his student and adopt pedagogical practices that result in successful learning. For authors such as Piaget, Wallon, Vygotsky and Espinoza, without affection there is no interest, no need, and no motivation. The present study is interested in understand the correlation between successful pedagogical practices and affectivity in the teaching-learning process in children. It is characterized as an integrative literature review, through a content analysis divided into 3 topics: the importance of affectivity in children's learning, the existence of affectivity in pedagogical practices in Childhood Education, its expression in the pedagogical practices of professionals, and how Psychology can contribute to this success. From this, it was concluded that affectivity contributes significantly to the teaching and learning process, although it is necessary that childhood education professionals expand their knowledge and practices on the subject, and the presence of psychology in all the processes is essential to mediate all the school relationships and the other different strands in which can contribute with a special focus on the subject of affectivity.

Keywords: affection, teacher-student relationship, pedagogical practices.

IMPLICACIONES DEL AFECTO EN LA CONSTRUCCIÓN DE PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS EXITOSAS EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

RESUMEN

Toda relación se basa en el afecto y, en los momentos de aprendizaje, el afecto se presenta como un compromiso del educador para prestar atención a su alumno y adoptar prácticas pedagógicas que resulten en un aprendizaje exitoso. Para autores como Piaget, Wallon, Vygotsky y Espinoza, sin afecto no hay interés, necesidad y motivación. El objetivo del estudio es comprender la correlación entre las prácticas pedagógicas exitosas y la afectividad en el proceso de enseñanza-aprendizaje de los niños. Se caracteriza por ser una revisión bibliográfica integradora, a través de un análisis de contenido dividido en 3 temas: la importancia de la afectividad en el aprendizaje infantil, la existencia de la afectividad en las prácticas pedagógicas de la

Educación Infantil, su expresión en las prácticas pedagógicas de los profesionales y cómo la Psicología puede contribuir a este éxito. A partir de esto, se concluyó que la afectividad contribuye significativamente en el proceso de enseñanza y aprendizaje, aunque es necesario que los profesionales de la educación infantil amplíen sus conocimientos y prácticas sobre el tema, siendo imprescindible la presencia de la psicología en todos los procesos para mediar las relaciones existentes en la escuela y otros diversos aspectos en los que puede contribuir con un enfoque especial en el tema de la afectividad.

Palabras clave: afecto, relación profesor-alumno, prácticas pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

A aprendizagem no ambiente escolar vai além da capacidade intelectual da pessoa, pois depende também da forma como ela se relaciona com os seus pares, com o professor e como sente e percebe esse ambiente escolar (FERNANDES; MUNIZ, 2016). A necessidade de relacionamento com o seu semelhante e adaptação ao meio ambiente onde está inserido, constituem-se como fatores primários para o desenvolvimento. A escola é uma experiência que reflete o relacionamento social e emocional que influenciam a formação do ser humano tanto enquanto pessoas quanto profissionais. Cada vez mais é exigido do papel do professor não só passar conhecimentos, mas também se responsabilizar por desenvolver a capacidade do controle emocional de seus alunos (SILVA; SILVA, 2009). Um dos maiores desafios para os educadores atuais é conseguir fazer com que seus alunos encontrem o sentido de estar na sala de aula e que, de acordo com Espinoza, quando se atribui sentido no que faz e se tem clareza do que o afeta, aumenta-se a potência de existir e de agir, ou seja, o aluno vivencia aprendizagens coerentes com sua percepção, lhes trazendo felicidade e autonomia ao professor no seu trabalho. Logo, a relação pedagógica se torna crescentemente de ordem afetiva. O presente estudo tem interesse em compreender como a afetividade pode tornar significativo o processo de ensino e funcionar como um potencializador da aprendizagem infantil, a tornando exitosa.

Todo relacionamento se baseia na afetividade e nos momentos de aprendizagem, a afetividade vem como compromisso do professor em atentar ao seu aluno e adotar práticas pedagógicas que resultem em aprendizado exitoso e significativo. Silva (2015) considera que as marcas deixadas por esse professor na criança são profundas já que é sua responsabilidade contribuir para a formação da personalidade do educando e vai caracterizar o afeto como o mecanismo de ativação de todo esse processo emocional, cognitivo e social que resultará na construção do conhecimento, sendo até algo que diferencia o indivíduo de uma máquina pois esta não utiliza do afeto como fabricante enquanto o professor consegue através dele lidar com os anseios e necessidades de cada um. Para autores como Piaget, Wallon, Vygotsky e Espinoza, sem afeto não há interesse, necessidade e motivação.

Espinoza (conforme citado por Dos Santos *et al*, 2016) desenvolve uma analogia territorial ao considerar que o território escolar e a prática docente possibilitam afetar e ser afetado, promove ao indivíduo o reconhecimento de si próprio como vívidos, flexíveis, alegres, fruídos e aprendentes, logo esse ambiente deve proporcionar emoções positivas e desenvolver a liga afetiva entre comunidade escolar - aluno, já que a afetividade impulsiona o aprender, provoca no corpo uma afecção que potencializa o agir, o pensar com esse corpo.

Para Vigotski, caso o professor não relacionar o conhecimento com a emoção, o saber torna-se morto (EMILIANO, 2015). Na sua teoria, o desenvolvimento é dividido em dois níveis: o desenvolvimento real, que é tudo aquilo que a criança consegue fazer sozinha, o nível de desenvolvimento potencial, que é o que ela realiza com a ajuda de um adulto ou parceiro mais capaz. O professor precisa conhecer seu aluno para atuar entre esses dois níveis, que é chamado de zona de desenvolvimento proximal. Henri Wallon também concorda com essa formação integral – intelectual, afetiva e social - que deve ser oferecida pela escola, pois, para ele, a emoção e consequentemente a afetividade são um instrumento de sobrevivência indispensável à espécie humana, logo dentro da sala de aula não se deve focar somente no âmbito intelectual, mas em suas emoções, sentimentos e sensações, já que uma aprendizagem mecânica e conteudista, atrelada a uma excessiva preocupação com

acúmulo e memorização de conhecimentos não permite ao aluno elaborar significado, sendo portanto, inútil e enfadonha (BEZERRA, 2006).

Logo, a aprendizagem é constituída em afetar e ser afetado, é um processo de amorosidade, coletividade, pertencimento, solidariedade e comprometimento com o outro. A escola, por ser o primeiro agente socializador fora do círculo familiar da criança, torna-se a base da aprendizagem se oferecer todas as condições necessárias para que ela se sinta segura e protegida e quando a criança nota que a professora gosta dela, e que a professora apresenta certas qualidades como paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitude democrática, o ensino torna-se mais facilitado; ao perceber os gostos da criança, o professor deve aproveitar ao máximo suas aptidões e estimulá-la para o ensino.

Ao contrário, o autoritarismo, inimizade e desinteresse podem levar o aluno a perder a motivação e o interesse por aprender, já que estes sentimentos são conseqüentes da antipatia por parte dos alunos, que por fim associarão o professor à disciplina, e reagirão negativamente a ambos. Portanto, não restam dúvidas de que se torna imprescindível a presença de um educador que tenha consciência de sua importância não apenas como um mero reproduzidor da realidade vigente, mas sim como um agente transformador, com uma visão sócio-crítica da realidade (KREUGER, 2002).

É importante ainda salientar que o professor é o principal mediador, mas não é o único. A complexidade do fenômeno da aprendizagem humana exige o diálogo e a ação de vários ramos da ciência agindo em comum e não apenas a junção, muitas vezes artificial, de várias disciplinas ou especialidades, dentre elas a psicologia, que, como será explicado mais a frente, ainda não consolidou seu espaço de atuação e sua identidade profissional, mas está em um processo de mudança e atualização do foco de atuação no contexto escolar, passando de um enfoque clínico e remediativo, no qual sua atuação centrava-se na solução de problemas, para um enfoque preventivo ou voltado para a promoção de saúde. As práticas psicológicas, apoiadas em teorias que enfatizam os fatores objetivos e subjetivos do processo ensinar-aprender, as condições do contexto sócio-cultural, a importância das relações inter e

intra-subjetivas professor-alunos, o aprendiz como sujeito do conhecimento e o papel social da escola, na formação do cidadão, servem também para orientar a atuação profissional (NEVES, ALMEIDA, CHAPERMAN, BATISTA, 2002).

Diante disso, destaca-se que o objetivo deste trabalho foi compreender a correlação entre práticas pedagógicas exitosas e afetividade no processo ensino-aprendizagem infantil.

3 METODOLOGIA

O presente estudo tem caráter qualitativo do tipo descritivo/exploratória, pois se baseia no registro, análise e correlação exata dos fatos ou fenômenos, sem manipulá-los, e proporciona uma maior visibilidade e reconhecimento do tema. O método a ser utilizado é uma revisão integrativa da literatura, no qual são recolhidos informações documentais sobre os conhecimentos já acumulados acerca do tema e expor resumidamente as principais ideias já discutidas por outros autores que trataram do problema, levantando críticas e dúvidas (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A técnica utilizada para essa revisão integrativa da literatura foi a análise de conteúdo, conceituada como um conjunto de técnicas de análise, classificação e categorização das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin conforme citado por Camara, 2013), reduzindo suas características a elementos-chave, de modo com que sejam comparáveis a uma série de outros elementos (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016).

A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de 3 fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. No presente artigo, a primeira etapa se dá pelo levantamento de quais documentos são aceitos nos critérios de inclusão citados e quais podem ser excluídos.

A segunda fase é chamada de exploração do material, se referindo a como esses artigos vão ser codificados e em quais categorias serão encaixados (SOUSA;

SANTOS, 2020), no qual se efetuará na forma de tabela, dividida em título do trabalho, autor, ano de publicação, rede de ensino (pública ou privada), objetivos e resultados; e a terceira e última etapa chamada de tratamento de resultados, onde ocorre a inferência e a interpretação da análise, feita em forma de tópicos, condizentes aos objetivos da seguinte pesquisa, para estabelecer a importância da afetividade na aprendizagem infantil, a existência da afetividade nas práticas pedagógicas da Educação Infantil, sua expressão nas práticas pedagógicas dos profissionais da Educação Infantil e como a Psicologia Escolar e Educacional pode contribuir nesse êxito.

O levantamento da literatura foi realizado utilizando os materiais publicados no período de 2004-2019, desde artigos, dissertações a teses publicados em *sites* como *SCIELO*, *Pepsic* e *Google Acadêmico*, onde todos correlacionam a afetividade e as práticas pedagógicas. Os artigos foram encontrados por meio da combinação das palavras-chave: (Escola OR educação OR educação infantil OR processos de aprendizagem) AND afetividade, relação professor-aluno AND afetividade, afetividade AND prática pedagógica, para responder o seguinte questionamento “como a afetividade pode tornar exitosas as práticas pedagógicas e facilitar o processo de ensino-aprendizagem infantil?”

Após a leitura das obras selecionadas, foi realizada a análise e organização das temáticas principais e, posteriormente, foi realizada a análise descritiva destas buscando estabelecer uma compreensão e ampliação do conhecimento acerca do tema pesquisado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisadas 11 pesquisas de campo, no período de 2005 a 2019, 8 realizados em escolas públicas, 2 em particulares, 1 em uma creche e 1 tanto no ensino público, como no privado. Todos adotaram os objetivos de compreender o conceito da afetividade no âmbito escolar e investigar a importância da afetividade no

processo ensino-aprendizagem infantil, através da tentativa de entender o que pensam os próprios alunos e os profissionais da educação infantil, principalmente o professor, sobre o papel do afeto e sua contribuição. As metodologias utilizadas se basearam em observações em sala de aula, entrevistas semiestruturadas, questionários e associação livre. Em todos os resultados, foi possível perceber que os artigos corroboravam que a presença da afetividade era necessária para uma aprendizagem significativa, que a importância da interferência e mediação do professor em momentos e interações corriqueiras são essenciais para o desenvolvimento de ações/sentimentos positivos nos alunos, que um educador com competências afetivas consegue perceber o aluno em suas múltiplas dimensões, complexidade e totalidade e que o psicólogo se faz essencial como mediador das relações existentes na escola, possuindo diversas vertentes para intervir sobre o tema.

Vale ressaltar que embora a amostra utilizada nas pesquisas em sua maioria tenha sido pequena, se permitiu notar que teoria e prática docente estão de acordo em relação à relevância da afetividade para o desenvolvimento cognitivo da criança, mais especificamente em seu processo de aprendizagem.

As mostras finais descritas encontram-se caracterizadas no Quadro 1 a seguir, separadas em título do trabalho, autor, ano de publicação e resultados.

Quadro 1: Caracterização dos estudos acerca de sua amostra, delineamento metodológico principais resultados e desfechos.

TÍTULO/AUTOR/ANO	RESULTADOS
A afetividade na educação infantil Cinthia Carvalho Costa 2014	A afetividade é de extrema importância no processo ensino-aprendizagem a partir do momento que o professor só consegue ter certas práticas como a mediação, quando entende o aluno e todas suas facetas, que é algo que depende do afeto como intermediador.
Afetividade e atuação do psicólogo escolar Fernanda Drummond Ruas Gaspar, Thaís Almeida Costa 2011	Os resultados concluíram que há diversas vertentes nas quais o psicólogo pode configurar intervenções com foco na afetividade, a exemplo de uma maior aproximação do corpo docente e coordenação pedagógica, elaboração de trabalhos direcionados ao currículo escolar, implantação de projetos de formação para professores, observações periódicas na sala de aula e reflexões frente à didática

	utilizada pelo professor.
<p>Afetividade na relação professor aluno: um estudo na educação infantil Mtda. Jéssica Cristina Barbosa da Silva, Mtda. Elane Ericka Gomes do Nascimento 2019</p>	<p>A pesquisa aponta que a afetividade contribui de forma significativa no processo de ensino e aprendizagem, embora se perceba que muitas vezes o discurso não condiz com a prática na sala de aula, no caso das 2 professoras participantes onde não sabia conceituar e nem aplicar e sua aula foi descrita como totalmente autoritária, enquanto a outra descreveu a importância do diálogo e das vivências de seus alunos e foi observado essa valorização na sua sala de aula.</p>
<p>Relação professor- aluno: a importância da afetividade no contexto educativo na visão docente Ariane Fernanda Nunes, João Carlos Pereira de Moraes 2018</p>	<p>Os resultados demonstraram que os professores têm consciência da importância da afetividade nas relações estabelecidas num processo educativo e que uma das formas mais gerais de demonstrá-la é por meio do respeito, diálogo e interação com a criança-aluno.</p>
<p>A afetividade e sua contribuição para o processo de Ensino-aprendizagem Lara Paulino Cazé, José Aurilo Bezerra da Silva, Raimunda Aurilia Ferreira de Souza 2016</p>	<p>O artigo apresenta um breve relato de duas professoras da educação infantil, uma da rede particular de ensino e outra da rede pública, fazendo um paralelo entre ambos os relatos no qual as duas demonstram compreender o conceito de afetividade e a relevância da reciprocidade afetiva entre professor e aluno, ainda destacando a sua função como essencial no desenvolvimento cognitivo e emocional, mas somente na rede privada pode-se confirmar a aplicação desse conceito.</p>
<p>O relacionamento professor-aluno na educação infantil: observações de vínculos corriqueiros em sala de aula com crianças de 1 a 2 anos participantes de uma creche do DF Beatriz Simão Dias 2018</p>	<p>Os resultados do estudo evidenciam como a interferência e mediação do professor em momentos e interações corriqueiras são essenciais para o desenvolvimento de ações/sentimentos, tanto nas entrevistas como na prática, as professoras demonstraram total entendimento do conceito e relevância da afetividade na aprendizagem.</p>
<p>A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental Josiane Regina Brust 2009</p>	<p>Pode-se constatar que a afetividade é imprescindível para o desempenho educacional, uma vez que as palavras das crianças deixam claro que a afetividade representa um aspecto importante no processo de aprendizagem, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e o carinho recíproco.</p>
<p>Processos afetivos na relação professor e aluno: reflexões sobre a mediação do psicólogo escolar Ana Beatriz Almeida Sampaio, Hávila Raquel do Nascimento Gomes Brito, Cândida Maria Farias Câmara, Elane Maria de Castro Coutinho, Jeimes Mazza Correia Lima 2017</p>	<p>Concluiu-se que é essencial o papel do psicólogo como mediador das relações existentes na escola.</p>
<p>A afetividade na Educação Infantil: Um elo indispensável à teoria walloniana Simone Galiani Milan, Gilza Maria Zauhy, Carolina da Silva Lopes</p>	<p>Os resultados demonstraram que é necessário que os profissionais da educação infantil ampliem seus conhecimentos sobre afetividade, conheçam os estados emocionais e suas manifestações no contexto das relações, repensem sua prática pedagógica, buscando</p>

2011	desenvolver um trabalho que respeite as especificidades da infância, visando favorecer o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo das crianças.
A importância da afetividade na relação professor-aluno para a construção de uma aprendizagem significativa Lígia Regina dos Passos Silveira 2010	Pode-se constatar que a afetividade é imprescindível para o desempenho educacional, uma vez que as palavras dos jovens deixam claro que a afetividade representa um aspecto importante no processo de aprendizagem, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e a amizade.
Representações sociais de professores sobre afetividade Marinalva Lopes Ribeiro, France Jutras 2006	No estudo das representações sociais junto às entrevistas, foi possível destacar a importância das palavras amor e respeito para a representação de afetividade, onde os termos “amor” representava a solidariedade, ajuda e doação; e o “respeito” continha diálogo, valorizar, paciência e sinceridade. Nas entrevistas, Os professores atestam, de forma consensual, que a afetividade é importante para que se estabeleça uma melhor relação educativa entre professores e alunos, favorável, consequentemente, à aprendizagem dos conteúdos escolares.

Fonte: Tabela elaborada pelas pesquisadoras a partir dos dados coletados

4.1 Importância do afeto na aprendizagem infantil

Todos os estudos concordaram entre si sobre a afetividade como potencializadora da aprendizagem e desenvolvimento infantil. Nas entrevistas feitas por Silva e Nascimento (2019) para 2 professoras da rede municipal, a afetividade é construída durante vários momentos na sala de aula, principalmente quando o professor demonstra interesse em entender o mundo particular de cada criança que ensina, e ela é usada como uma ferramenta de aproximação com os alunos para que possa ser feita uma intervenção exitosa no aprendizado infantil. Além disso, reconhecem o papel da afetividade como essencial na construção da personalidade do indivíduo, engajando aquela criança nas atividades desenvolvidas e impulsionando fatores emocionais e cognitivos. Essa ideia foi confirmada nos estudos feitos por Ribeiro e Jutras (2006), que, de acordo com as falas dos professores, a afetividade é importante para o ensino e para a aprendizagem na medida em que contribui para a criação de um clima de compreensão, de confiança, de respeito mútuo, de motivação e de amor que podem trazer benefícios para a aprendizagem escolar e os resultados positivos de uma relação educativa movida pela afetividade opõem-se àqueles

apresentados em situações em que existe carência desse componente.

A teoria traz que, na escola, o professor precisa trabalhar afetividade de maneira que ele possa se aproximar do aluno e buscar conhecer o funcionamento e os processos pedagógicos que materializa a aprendizagem. Sua principal função é acima de tudo, compreender que cada aluno é único, não representa um número e sim um ser com suas individualidades e cheio de peculiaridades, conhecendo-a para entender suas dificuldades no dia a dia, trazendo essa criança mais perto para criar laços afetivos para maior confiança entre o docente e discente e assim construir a aprendizagem (SILVA; NASCIMENTO, 2019).

O entendimento da relação afetividade-aprendizagem, para 5 professores de uma rede pública entrevistados, se baseia também no desenvolvimento de habilidades, valores e atitudes, implicando diretamente na autoestima e segurança, instigando, como foi dito, o esforço e interesse por parte dos alunos, concordando com o que os estudos apontam: afetividade como mecanismo para criação de um ambiente propício para aprender (NUNES; MORAES, 2018).

É interessante adicionar o quanto esse conceito ainda é recente, até porque a demanda da quantidade e da qualidade da educação infantil aumentou, exigindo consequentemente novas práticas pedagógicas. Quanto menor a criança, mais bem instruído deve ser o professor, pois é nessa etapa que a criança se desenvolve e pode ser mais influenciável (COSTA, 2014).

Rodrigues (conforme citado por Brust, 2009) salienta que:

A aprendizagem escolar depende, basicamente, dos motivos intrínsecos: uma criança aprende melhor e mais depressa quando se sente querida, está segura de si e é tratada como um ser singular. Se a tarefa escolar atender aos seus impulsos para a exploração e a descoberta, se o tédio e a monotonias forem banidos da escola, se o professor, além de falar, souber ouvir e se propiciar experiências diversas, a aprendizagem infantil será melhor, mais rápida e mais persistente. Os motivos da criança para aprender são os mesmos motivos que ela tem para viver. Eles não se dissociam de suas características físicas, motoras, afetivas e psicológicas do desenvolvimento

Cazé, Silva e Sousa (2016) entrevistaram 2 professoras, uma do ensino público

e uma do ensino privado, e corroboraram nesse conceito. No ensino privado, notou-se uma turma tranquila e bastante concentrada no conteúdo estudado, e conversando com a professora, foi relatado uma prática pedagógica voltada para o resgate de valores como atenção, compromisso e respeito, tanto que isso era claro até na sua postura frente aos alunos, lidando com os conflitos de forma amorosa. Já no ensino público, a dinâmica da sala era turbulenta, e a relação de afeto só existia entre poucos alunos comportados e atenciosos, enquanto os demais alunos considerados bagunceiros continuavam dispersos, como se o professor tivesse se acomodado em uma “zona de conforto” com medo de evitar o desconhecido, ou seja continuar com aquela mesma postura, sem promover um ambiente igualitário de aprendizagem e sensibilidade, e sem perceber o quanto essa atitude é disfuncional até porque os alunos percebem quando não são bem acolhidos e pode trazer prejuízos como agressividade, falta de estímulo e desinteresse. É interesse refletir sobre as diferenças sociais de um ensino privado, com condições favoráveis para a aprendizagem, e o ensino público, relatado pela própria professora como uma dificuldade a ser enfrentada, principalmente em relação ao excesso de alunos em sala, tornando-se desafiador manter um bom andamento de atividades e a proximidade com todos, no entanto não demonstrou interesse em refletir sobre a natureza desses problemas.

Através dessas relações afetivas, o sujeito consegue interagir com outros no espaço social e aprende também com essa troca de relações, ações como “brincar” e “interagir” são de extrema importância (DIAS, 2018).

4.2 Existência da afetividade nas práticas pedagógicas da educação infantil

Segundo as observações em sala de aula e entrevistas realizadas por Dias (2018), a prática pedagógica, quando afetiva, se baseia em processos como o engajamento, no sentido de desencadear a comunicação e assim o educador facilita o relacionamento entre os alunos; empatia, de perceber a necessidade do outro e se colocar no lugar dele, como em situações consideradas “simples”, da professora

perceber o desconforto do aluno e, por ter essa relação afetiva com ele, saber quais atitudes tomar; o próprio vínculo afetivo, além de uma ação técnica ou educacional, as professoras alegaram sentir-se mais próximas que os pais, de algumas crianças, dado ao longo período em que estão em contato; o reconhecimento do outro, descrito até como uma “forma amorosa” de resolver os problemas; partilha de atividade, essencial para a construção individual e coletiva das crianças, por exemplo: em uma das brincadeiras feitas, a professora tinha brinquedos surpresas em latas, esse fator “surpresa” trouxe, nesse sentido, não só a diversão, mas o incentivo a compartilhar os brinquedos, solidariedade e cooperação; acompanhamento de ação, no qual se dá pelo cuidado e atenção do educador, ou seja, esse cuidado permite que se atente ao que está acontecendo, percebendo rapidamente ações das crianças e direcionamento; narrativa das ações realizadas, para chamar atenção dos alunos e envolvê-los; acolhimento, promovendo segurança e desenvolvimento; contato físico, que incentiva segurança, autoconfiança e autonomia, uma professora chegou a relatar que cuida dos alunos como cuida de seus filhos e é necessário esse contato; entonação e aspectos metacomunicativos, entendendo também a importância da percepção de aspectos não-verbais, seja expressões faciais, olhar, postura, movimentos do corpo, etc.

É importante salientar que o professor não precisa ser “bonzinho” ou passar a mão na cabeça do aluno quando ele desobedecer, o educador deve ser enérgico quando necessário, mas sem perder o afeto. Daniel (conforme citado Nunes e Moraes, 2018) relata que as crianças precisam de modelos com os quais possam se identificar.

[...] Para ajudar a pensarem por si mesmas, a caminharem em direção a tornarem-se independentes, desembaraçadas, autossuficientes, devemos perguntar a nós mesmos: [...] – Estou sendo para as crianças um modelo de pessoa que questiona constantemente, que sempre está buscando respostas mais apropriadas, que está mais interessada no diálogo e na descoberta do que na memorização dos fatos? [...]

Tendo em vista que essa afetividade é construída sócio culturalmente, os professores entrevistados por Nunes e Moraes (2018), apontaram em atitudes como estabelecer bom relacionamento, ensinar e cultivar afetividade, acolher as diferenças

e conhecer as famílias e dialogar com elas para criar um ambiente afetivo propício para aprendizagem. A resposta de um dos professores foi a mais interessante porque chama atenção à pertinência da humanização docente no processo de ensino: admitir que pode errar e aprender enquanto ensina, inclusive com seus alunos.

Já em Milan, Zauhy e Lopes (2011), a afetividade não se mostrou tão relevante no discurso da maioria das professoras. No conceito de afeto, percebe-se algo vago, ainda preso no senso comum de “que é algo feito com amor” e quando atrelado à aprendizagem, mostra-se o reconhecimento da sua importância, mas ausência de como se manifesta em sala de aula, novamente voltando ao senso comum relacionando somente com o contato físico e demonstração de carinho. Logo a aplicação do conceito em suas práticas pedagógicas se dá muito superficial, em atitudes como segurar a mão ou abraçar, em vez de investir em um suporte maior para resolução de conflitos cotidianos e nas manifestações psíquicas desse afeto, se afastando das manifestações corporais ao longo que ocorre a ampliação dos estados emocionais da criança, facilitando assim o processo de construção da sua personalidade. Em Silveira (2010), foi observado a mesma desvalorização da prática afetiva, através das falas de algumas professoras e das observações feitas na turma, com o exercício de práticas antigas, que não levam em conta o interesse dos alunos, que não permitem os mesmos sejam sujeitos ativos na construção do seu conhecimento, não há espaço para trocas e discussões são consideradas falta de respeito pela maioria dos professores. Entre si, os educadores não estabelecem trocas com seus colegas, fragmentando o ensino, cada um é responsável apenas pela sua disciplina, enquanto o trabalho multidisciplinar certamente poderia proporcionar melhores resultados, motivando os alunos em pesquisas que despertassem seus interesses.

Segundo Macedo (conforme citado por Silva e Nascimento, 2019), a curiosidade pode ser entendida como uma das características naturais da criança e é manifestada em níveis crescentes a cada fase de seu desenvolvimento. Apresentar para a criança a complexidade da vida atual permite utilizar-se dessa estratégia como um estímulo para novas descobertas ou curiosidades tornando-a capaz de crescer

individualmente e socialmente.

O professor terá que ter plena consciência da influência que exerce sobre a criança ao desenvolver hábitos, estimulando-a a ter sua própria independência. Nessa mesma perspectiva a criança adquire segurança tendo o professor como modelo ou suporte na compreensão de suas atitudes.

Enfim, é impossível que um professor se mantenha completamente de forma neutro em uma sala de aula; sua fala, sua postura, seu ensino, sua visão, é bagagem que ele indubitavelmente levará consigo a qualquer espaço pedagógico que frequente e a relação professor-aluno sempre existirão, cabendo, nesse caso, a escolha de como conduzirá essa relação. Porque, mesmo sem querer o educador é um espelho para os seus alunos, pequenos cidadãos em constante formação de valores, ideais e opiniões (SILVA; NASCIMENTO, 2019).

4.3 Expressão da afetividade nas práticas pedagógicas dos profissionais de educação infantil

Na maioria das pesquisas, pode-se perceber professores de cenários diferentes que, por meio da entrevista, tinham uma boa compreensão do termo afetividade, da sua importância no âmbito escolar, e que uma das formas mais gerais de demonstrá-la é por meio do respeito, diálogo e interação com a criança. Em Nunes e Moraes (2018), as professoras compreendem que a constituição de um espaço favorável e afetivo de aprendizado perpassa uma comunicação dialógica e igualitária, em que seja possível criar um espaço de intervenção e pontos comuns para o trabalho coletivo do grupo, sendo a autoridade não um antônimo de afetividade, mas algo que deve ser reestudado seu conceito, retirando a associação com “professor soberano e aluno passivo”, mas com firmeza e equilíbrio, como um professor chegou a falar: “sem abrir mão dos limites necessários para que se construa uma dinâmica de respeito a todos que interagem neste grupo.”

As observações feitas por Costa (2014) exemplificaram expressões da

afetividade nas práticas pedagógicas em trabalhos que podem ser considerados “simples” utilizando ações cotidianas de “brincar” e “interagir”, relatados como de extrema importância pois trabalham as potencialidades, limitações, habilidades sociais, afetivas, cognitivas e física, e por serem corriqueiros em creches e escolas, precisam de um direcionamento educacional, já que é a partir delas que a criança começa a fazer a construção de si, a se ver como sujeito, pautada em sua relação com o outro (professor) e com o objeto (DIAS, 2018).

Situações como de acolhimento de uma nova aluna, no qual a professora promoveu a importância da singularidade daquela criança no ambiente novo; no processo de mediação em que uma criança começou a interagir após a estagiária demonstrar interesse nela, no qual foi possível perceber a importância da oportunidade de espaços e situações articulando recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas e o desenvolvimento de confiança e afeto; e a adaptação de uma turma considerada “difícil”, estabelecendo vínculos e possibilitando uma visão do educador como agente transformador e dos alunos seus sujeitos de mudança e não como simples rotulador, revelaram que a afetividade se faz presente na relação professor-aluno e muito necessária na educação infantil para que as crianças possam se desenvolver integralmente.

Nas observações feitas por outro estudo, de Dias (2018), na hora da brincadeira, no qual uma criança não estava interagindo com as demais, a atitude do educador de entendê-la e tentar introduzi-la respeitando seu espaço permitiu a compreensão do seu papel enquanto catalisador dos relacionamentos e vínculos que a criança cria com o mundo; já na hora do lanche, em que a criança se recusou a comer, é destacado a importância de conhecer bem os alunos e suas especificidades para saber qual a melhor atitude a ser tomada, e isso implica diretamente no conceito de reconhecimento do outro.

Nota-se a relevância da mediação, que é uma prática constante nas ações do professor durante as interações dos alunos, inclusive quando se percebe que a criança prefere em alguns momentos brincar sozinha., para observar o ambiente das crianças e como elas gostam de interagir entre si, dando espaço e meios para que

assim elas façam.

Entendendo também pelo lado do aluno, Silveira (2010) realiza um questionário com uma turma de 6º série do Ensino Fundamental de 8 anos, e as respostas para questões como “O que o professor precisa para ser um bom professor?” e “O que mais admira nos professores que mais gosta?” destacam-se entre as características de ser um bom professor a paciência e a calma, ouvir, entender e ajudar os alunos e explicar as matérias mais vezes, conforme a dificuldade dos alunos. A partir desses dados, observa-se que os alunos esperam que o docente tenha paciência e calma durante as aulas, que não fique irritado ao ter que explicar novamente e tenha disposição em ouvir e ajudar seus alunos. Da mesma forma destacaram como atitudes que admiram e gostam nos professores, a paciência, os professores legais, que ouvem os alunos e as boas explicações. Em contraposição às características de um bom professor, as atitudes dos professores que os alunos não gostam são: os gritos durante as aulas, não explicar a matéria novamente e quando querem mandar em tudo.

Já Brust (2009) realizou um questionário com os alunos da 3º e 4º série do Ensino Fundamental e eles relataram o professor como uma das coisas que mais valorizam na escola, logo após as boas notas, também considerado pais em suas opiniões. Ao serem questionados o que o pai, mãe ou outra pessoa faz que os deixa mais felizes, as respostas dos alunos apontam para o carinho que recebem e o tempo durante o qual ficam juntos e, conseqüentemente, o que eles mais admiram nos professores dos quais mais gostam também é o carinho para com eles. Percebe-se assim o quanto esperam tanto dos pais quanto dos professores, que sejam carinhosos, pacientes e respeitosos. Os alunos esperam que o professor tenha paciência durante a aula, como ponto de grande valor para que haja reciprocidade entre ambos. Contrapostas às características de um bom professor, entre as principais atitudes dos professores dos quais não gostam apontam o e o não ter paciência durante as aulas. Das falas dos alunos pode-se concluir que, na maioria dos casos, os professores esquecem-se de ouvi-los, tornando-os meros recebedores de informações.

4.4 Contribuições da Psicologia Escolar e Educacional

Apesar de se constatar que os estudos e trabalhos relacionados aos processos afetivos tiveram um crescimento significativo nas últimas décadas, não foram encontradas muitas pesquisas que abordassem a concepção e prática da psicologia acerca da implicação do afeto nas práticas pedagógicas. Como já discutido, a afetividade é um potencializador da aprendizagem e desenvolvimento infantil e, por isso, se torna uma ferramenta de trabalho do psicólogo escolar, quando, assim como os outros profissionais, entende o conceito e assim, consegue aplicá-lo nas suas práticas.

O psicólogo, como já foi falado antes, encara um desafio de definir seu papel no ambiente escolar, superando o modelo médico clínico, de ter uma profissão baseada em fiscalizar e apontar a loucura. Gaspar e Costa (2011), após realizar entrevistas com 4 psicólogos da rede de ensino pública, puderam concluir que há uma notável mudança e ampliação da sua função, mas ainda existem resquícios de uma visão bem fechada de somente diagnosticar, classificar e “apagar incêndios”, além de ser possível perceber a escassez desse profissional na área escolar, principalmente na rede pública. Sampaio, Brito, Câmara, Coutinho e Lima (2017) confirmam que uma das resistências a adesão das mediações psicológicas é a recorrente presença desse olhar considerado errôneo sobre o seu papel e acrescentam a descrença, por parte de professores e alunos, na necessidade de manter uma boa relação afetiva entre os dois, principalmente, com alunos concebidos com “problemáticos”. E quando não se é trabalhado desde cedo, a resistência aumenta gradativamente à medida que o aluno avança nas séries.

No que concerne ao tema da afetividade, os psicólogos nas duas pesquisas apontadas na tabela demonstraram total compreensão da relevância desse afeto nas relações interpessoais, principalmente aluno-professor, e também como aspecto do desenvolvimento humano, que resulta na expressão do indivíduo (emoções e sentimentos) e seu processo de autoconsciência.

Na sua forma de atuação, também houve concordância em relação a importância de se trabalhar em conjunto, de forma multidisciplinar, a partir da ideia de que cada ser que constitui a equipe escolar é um educador. Como o professor é o principal agente transformador, é fundamental orientá-lo para traçarem juntos práticas pedagógicas que inspirem uma boa relação afetiva. Como Espinoza (conforme citado por Sampaio, *et al*, 2017) relata, as afecções aumentam ou diminuem o poder de agir, pensar, existir, logo um afeto de alegria tende a aumentar tal potencial, já um afeto de tristeza é capaz de suprimir toda essa força.

Logo o trabalho diretamente com o professor é um dos principais focos do trabalho do psicólogo e há diversas vertentes nas quais o psicólogo pode configurar intervenções com foco na afetividade, a exemplo de uma maior aproximação do corpo docente e coordenação pedagógica, elaboração de trabalhos direcionados ao currículo escolar, implantação de projetos de formação para professores, observações periódicas na sala de aula e reflexões frente à didática utilizada pelo educador (Gaspar, Costa, 2011). Sampaio *et al* (2017) adiciona outras práticas como suporte nos planejamentos, estimulando-os à realização de rodas de conversas com professores e alunos que retratem o tema afetividade, para que os encontros em salas de aulas somem ao invés de subtrair as potências, de cada aluno e professor, de conhecer e agir no mundo.

Enfim, tanto Gaspar e Costa (2011), como Sampaio *et al* (2017) concordam na relevância do trabalho da afetividade junto à equipe pedagógica para promover ambientes dialógicos com os professores e gestores que levantem questionamentos e reflexões que repensem novas práticas pedagógicas, focando no desenvolvimento integral da criança.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se então, por meio da discussão dos autores, que a afetividade é essencial no processo ensino-aprendizagem, sendo o professor o principal agente de transformação no desenvolvimento infantil. A afetividade tende a ser colocada em

segundo plano por algumas práticas pedagógicas que ainda valorizam um ensino passivo no qual o educador detém todo o conhecimento, mas quando se é entendido seu verdadeiro conceito, baseado não só no contato físico, e sim no respeito mútuo, uma boa comunicação e construção de regras e limites, é possível enxergar resultados a curto, médio e longo prazo, composto por um educador comprometido em tecer a educação em suas vivências com o indivíduo e um aluno com saberes construídos de forma exitosa.

Faz-se necessário que todos os profissionais da educação infantil repensem sua prática pedagógica quanto a construção desses vínculos fundamentais e reconhecimento da autonomia dos alunos em busca da sua identidade e dos seus sentimentos, desejos e interesses em sala de aula. Todas as pesquisas exploradas confirmaram que quando a afetividade está presente no ensino, a criança se sente segura para desenvolver suas capacidades com eficiência. Enquanto professor, por ser responsável pela sala de aula, é sua função adotar práticas ativas que foquem em compreender seu aluno e seu universo sociocultural. Assim, suscita a necessidade de refletir e construir um conjunto de práticas pedagógicas e interdisciplinares, o desafio é, então, gestar intervenções que articulem as diversas dimensões humanas e as relações dos humanos nos contextos de ensino-aprendizagem e nas instituições escolares e a psicologia pode trabalhar em cima disso, enfrentando o estereótipo de ter um caráter remediativo no âmbito escolar, mas utilizando do seu conhecimento para configurar intervenções com foco na afetividade, construindo alternativas teóricas-metodológicas de ensino, avaliação e manejo da relações e manifestações afetivas em sala de aula, preocupando-se em ampliar a compreensão dos processos de ensinar e aprender, não somente com o desenvolvimento de intervenções focadas, apenas nos alunos, mas que abranjam os adultos da escola, como pais, professores e comunidade.

Além disso, é de extrema importância que essa competência afetiva seja trabalhada na formação desses profissionais a fim de ter uma ampla compreensão sobre o assunto e poderem construir e introduzir esse conceito na sua prática educativa, se adaptando aos desafios criados pelo modelo atual de ensino.

O presente estudo, em síntese, tentou contribuir para um entendimento mais aprofundado sobre a relação da afetividade e práticas pedagógicas exitosas e, também, embasar teoricamente novos estudos e práticas, valorizando os processos evolutivos do sujeito.

Por fim, aceitar as manifestações de afetividade enquanto emoções e sentimentos, entendendo como agir frente a elas, desencadeia um crescimento exitoso da criança como um todo, e por a escola ocupar um dos principais espaços na sua vida, para a adoção de práticas pedagógicas exitosas, ela tem que propiciar qualidade de educação que entenda os aspectos afetivos e cognitivos como um par inseparável, e que se estenda além do currículo pedagógico, focando também em toda a vida do ser, na sua relação com o mundo.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, C. E. As relações de afetividade na educação infantil. Dissertação (Graduanda em Pedagogia/Licenciatura) - **Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**, Rio Grande do Sul. 2009

BASSO, I. S. Significado e sentido do trabalho docente. **Cadernos Cedes**, 19, 19-32. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0101-32621998000100003&script=sci_arttext Acesso em: 04 dez. 2019.

BRUST, J.G.) A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. Trabalho de Conclusão do Curso, **Universidade Estadual de Londrina**, Londrina, Santa Catarina, Brasil. 2009 Disponível: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/2009%20JOSIANE%20REGINA%20BRUST.pdf>

CÂMARA, R. H.. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 6(2), 179-191. 2013 Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003&lng=pt&nrm=iso acessos em 02 ago. 2021.

CARLOMAGNO, M. C.; DA ROCHA, L. C. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, 7(1). 2016

CAZE, L. P.; SILVA, J. A. B.; SOUSA, R. A. F. A afetividade e sua contribuição para o processo de ensino-aprendizagem. **Anais do Congresso Nacional de Educação**, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil, 3. 2016.

COSTA, C.C. A afetividade na educação infantil. Trabalho Final de Curso, Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. 2014
Disponível:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9048/1/2014_CynthiaCarvalhoCosta.pdf

COSTA, G.F. da. O AFETO QUE EDUCA: afetividade na aprendizagem. **UFJF**, Minas Gerais. 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/pedagogia/files/2017/12/O-AFETO-QUE-EDUCA.pdf> Acesso em: 02 ago 2021.

COUTINHO, André Felipe Jales; OLIVEIRA, Kamilla Sthefany Andrade de; BARRETO, Maria da Apresentação. A psicologia na escola: (re)pensando as práticas pedagógicas. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 40, p.103-114, jun. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752015000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 31 ago. 2021.

DIAS, B.S. O relacionamento professor-aluno na educação infantil: observações de vínculos corriqueiros em sala de aula com crianças de 1 a 2 anos participantes de uma creche do DF. Trabalho Final de Curso, Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2018. DF, Brasil. Disponível:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/21750/1/2018_BeatrizSimaoDias_tcc.pdf

DOS SANTOS, Andréia Mendes *et al.* Identidade Docente e Afeto na formação de Professores. **[Anais do] XV Seminário Internacional de Educação, 2016, Brasil.**, 2016.

EMILIANO, J. M. Vigotski: a relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente. Monografia (Graduanda em Pedagogia) - **Centro Universitário UNIFAFIBE**, São Paulo. 2015

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educação e Pesquisa**, v. 41, p. 601-614, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201507140384>

GASPAR, F.D.R.; COSTA, T.A.. Afetividade e atuação do psicólogo escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, 15, pag. 121-129. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572011000100013>>.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Plageder. Porto Alegre: 2009 UAB/UFRGS.

KRUEGER, M. F. A relevância da afetividade na educação infantil. ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI (ASSELVI). CURSO DE PÓSGRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA. 2002. Disponível em [www. icpg. com. br](http://www.icpg.com.br). Acesso em: 03 de maio de 2021

LA TAILLE, Y. D.; OLIVEIRA, M. K. D.; DANTAS, H. D. L. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. 14^o ed.- **São Paulo: Summus** 1992.

MARQUES, E. S. A.; DE CARVALHO, M. V. C. Vivência e afetação na sala de aula: Um diálogo entre Vigotski e Espinosa. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v.23, n 41. P. 41-50. 2014.

MARTINEZ, Albertina Mitjans. Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira. *Psicologia Escolar e Educacional* [online]. 2009, v. 13, n. 1 [Acessado 31 Agosto 2021], pp. 169-177. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572009000100020>>.

MATURANA, R. H. ; VERDEN – ZÖLLER. Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: **Palas Athena**, 2004.

MEIRELES, M. R. G.; CENDÓN, B. V.. Aplicação prática dos processos de análise de conteúdo e de análise de citações em artigos relacionados às Redes Neurais Artificiais. **Informação & Informação**, 15(2), 77-93. 2010

MELLO, T.; RUBIO, J. D. A. S.. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, 4(1), 1-11. 2013. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Tagides.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2021.

MILAN, S.G; GARMS, G.M.Z; LOPES, C. da S. A afetividade na educação infantil: um elo indispensável à teoria Walloniana. Anais – EDUCERE – X Congresso Nacional de Educação, Curitiba, Paraná, Brasil, 10. 2011.

MUNIZ, M.; FERNANDES, D. C. Autoconceito e ansiedade escolar: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Psicologia Escolar e Educacional**, 20, 427-436. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282349447002>

NASCIMENTO, C. R. A. D. Programa Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade: um estudo de caso. 94 f. Monografia (Graduanda em Serviço Social) – **Universidade de Brasília (UNB)**, Brasília - DF, 2008.

NEVES, M.M.B. da J. ALMEIDA, S.F.C de. CHAPERMAN, M.C.L. BATISTA, B. De P.

Formação e atuação em psicologia escolar: análise das modalidades de comunicações nos congressos nacionais de psicologia escolar e educacional. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2002, v. 22, n. 2, pp. 2-11. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932002000200002>>. Acesso em 31 Agosto 2021

NOVIKOFF, C.; DE PÁDUA CAVALCANTI, M. A. Pensar a potência dos afetos na e para a educação//Thinking about power of affections in and for education. **CONJECTURA: filosofia e educação**, 20(3), 88-107. 2015.

NUNES, A.F.N.; MORAES, J.C.P. de. RELAÇÃO PROFESSOR- ALUNO: A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO CONTEXTO EDUCATIVO NA VISÃO DOCENTE. **Pensar Acadêmico**, 16 (2), pp. 179-200. 2018
<http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/521/636>

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria. Psicologia escolar: cenários atuais. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, dez. 2009. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000300007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 31 ago. 2021.

PINTASSILGO, C. R. L.; SERRA, D. A relevância da afetividade na aprendizagem. 49 p. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) - **Universidade Candido Mendes**, Niteroi, RJ. 2010. Disponível em:
http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/n204090.pdf. Acesso em: 2 ago. 2021.

Reis, Valéria & Prata, Mary & Benevides Soares, Adriana. (2017). Habilidades sociais e afetividade no contexto escolar: Perspectivas envolvendo professores e ensino-aprendizagem. *Psicologia Argumento*. 30. 10.7213/psicolargum.v30i69.23290.

RIBEIRO, M. L.; JUTRAS, F. Representações sociais de professores sobre afetividade. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, 23(1), 39-45. 2006. Disponível:
<https://doi.org/10.1590/s0103-166x2006000100005>

SAMPAIO, Ana Beatriz Almeida *et al.* Processos afetivos na relação professor e aluno: reflexões sobre a mediação do psicólogo escolar. **Revista Expressão Católica**, v. 6, n. 1, p. 54-62, 2017.

SILVA, A. C. da; SILVA, G. A. da . **A EDUCAÇÃO EMOCIONAL E O PREPARO DO PROFISSIONAL DOCENTE**. In: X CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA., X., 2009, Braga. **Ata [...]**. Braga: Universidade do Minho p. 600-613. Disponível em:
<https://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/xcongreso/pdfs/t3/t3c40.pdf> Acesso em: 2 ago. 2021.

SILVA, E. G. da A Afetividade Na Prática Pedagógica E Na Formação Docente. **Brasil Escola**, 2015. Disponível em:

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-afetividade-na-pratica-pedagogica-na-formacao-docente.htm>. Acesso em: 04 nov. 2019.

SILVA, Jéssica; NASCIMENTO, Elane. Afetividade na relação professor aluno: um estudo na educação infantil. **Revista Inclusiones**, p. 108-126, 2019. Disponível:

<http://www.archivosrevistainclusiones.com/gallery/7%20vol%206%20num%202%202019esp-brasilabriljunio2019incl.pdf>

SILVA, M. R. da.. **AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**. Dissertação (Curso de Pós-Graduação em Educação e a Interface Com a Rede de Proteção Social) – Unochapecó, São Lourenço do Oeste. 2015

SILVEIRA, Lígia Regina dos Passos. A importância da afetividade na relação professor-aluno para a construção de uma aprendizagem significativa. Trabalho de Conclusão do Curso, **Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. 2010 Disponível:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71880/000880305.pdf?sequence#:~:text=A%20rela%C3%A7%C3%A3o%20afetiva%20%C3%A9%20um,aprendizagem%20e%20busca%20sua%20autonomia.>

SOUSA, José Raul; SANTOS, Simone Cabral Marinho. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, 2020.

SOUZA, Luzia De Fátima. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E METODOLOGIA DE PAULO FREIRE. [S. I.], 2015. Disponível em: <http://calafiori.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/PR%C3%81TICAS-PEDAG%C3%93GICAS-E-METODOLOGIA-DE-PAULO-FREIRE.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2021.

SOUZA, Maria Antônia. Prática Pedagógica: conceito, características e inquietações. **Artigo IV Encontro Ibero-Americano de Coletivos Escolares e Redes de Professores que fazem investigação na sua escola**, 2005.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. **Psicol. esc. educ.**, Campinas, v.13, n.1, p.179-182, jun. 2009.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385572009000100021&lng=pt&nrm=iso. acessos em 31 ago. 2021.

VERDUM, Priscila. **Prática Pedagógica: o que é? O que envolve?** Revista da

Pontifícia Universidade Católica (PUC). Rio Grande do Sul: Porto Alegre. v. 4, n. 1 ,2013.

VOKOY, Tatiana. PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Psicologia Escolar em educação infantil: reflexões de uma atuação. *Psicologia Escolar e Educacional* [online]. 2005, v. 9, n. 1 [Acessado 31 Agosto 2021] , pp. 95-104. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572005000100009>>.

WEISZ, Telma. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. **Ed. Ática**, 2º ed. São Paulo, 2002.